

O que dizem os astros?

Uma análise da modalização epistêmica no gênero textual horóscopo

Tatiana Jardim Gonçalves (SEEDUC/RJ)

Resumo

Conceber a língua como forma de ação, como lugar de interação em que são compartilhados sentidos oriundos da intersubjetividade, é assumir que há em todo enunciado marcas linguísticas que denunciam a presença do locutor. Entre tais marcas, está a modalização que, em sentido amplo, indica o grau de comprometimento do locutor com seu enunciado. Assim, neste trabalho, analisamos a manifestação da modalização epistêmica, relacionada ao eixo das crenças e dos saberes, no gênero textual horóscopo. Para fundamentar a análise, recorremos à Teoria da Enunciação de Benveniste (2005), à Teoria da argumentação na língua de Ducrot (1984, 1987 e 1989) e à noção sociorretórica de Bazerman (2006) para abordar a noção de gênero textual. Verificamos que, no gênero textual em questão, a modalização epistêmica funciona como um atenuador do conteúdo do enunciado e do conteúdo de todo o texto, além de orientar os enunciados para determinados sentidos. É possível, ainda, afirmar que a categoria discursiva colabora para o funcionamento do gênero, pois expressa noções inerentes ao conhecimento, à crença do locutor em relação a certo conteúdo, e o gênero textual analisado só o é porque está baseado no que determinado indivíduo conhece ou acredita conhecer acerca dos astros.

1. Introdução

A busca por previsões e prognósticos é tão antiga quanto a própria humanidade. Na Mitologia Grega, os oráculos eram procurados porque supostamente poderiam oferecer a resposta dos deuses sobre o futuro. Atualmente, em diversos segmentos religiosos e em práticas esotéricas, há atividades cuja função também é conceder respostas ou orientações relacionadas ao futuro ou à rotina dos indivíduos.

Pensar nessas práticas e na linguagem em que se expressam para cumprirem seu objetivo é pensar nos gêneros em que circulam. Nesse sentido, podemos destacar o gênero textual horóscopo, cuja função sociocomunicativa é veicular diretrizes, orientações relacionadas à vida dos indivíduos. Ocorre que tal gênero se constrói através de uma situação única de uso da língua, de uma situação única de enunciação, através da língua-discurso.

Adotar a concepção de discurso como oriundo da atividade linguística é admitir que a língua e os indivíduos que a utilizam estão imersos em situações específicas que geram sentidos. Tais situações, atreladas a formas específicas de utilização da língua, dão aos participantes do ato linguístico a possibilidade de expressarem seus pontos de vista, seus posicionamentos.

Desse modo, já não se pode mais falar em língua, mas em linguagem. Os interlocutores de toda situação enunciativa contam com elementos que viabilizam a

constituição do sentido e, ainda, instituem sentido ao fazerem escolhas linguísticas que preencham os requisitos da situação enunciativa.

Assim, podemos afirmar categoricamente que o sentido é o resultado da atividade linguística e que tal atividade possibilita entrevermos operações de ordem enunciativa que, por sua vez, permitem que identifiquemos sentidos que só se dão nos variados setores da atividade humana.

É possível, então, dizer que as escolhas linguísticas atuam em conformidade com componentes retóricos, com os gêneros textuais em que ocorrem e permitem que os textos sejam o que são e como são e cumpram sua função sociocomunicativa.

2. A enunciação

Falar em enunciação é adotar uma concepção de língua que abarca o componente subjetivo, é admitir que o sentido é fator constituinte da língua.

Antes da enunciação, a língua era concebida como uma entidade autônoma, em que seus componentes por si mesmos seriam responsáveis por sua manifestação. Tal opção, defendida por Saussure (2002), se deu para que a linguística fosse constituída, para que a linguística ganhasse *status* científico. Desse modo, não eram investigadas as questões relacionadas ao sentido, ou melhor, as questões relacionadas à geração do sentido.

No decorrer dos estudos linguísticos, novos olhares surgem. Entre eles está o de Benveniste (2005), para quem a língua é discurso porque é mobilizada, colocada em ação por um ato individual de utilização. O filósofo da linguagem assevera que a enunciação é o processo através do qual o indivíduo, ao se apropriar da língua, o faz em momento e espaço únicos e, por isso, a enunciação é única, singular, irrepetível.

O ato individual de utilização da língua permite que o sujeito envolvido no processo seja observado. Não um sujeito psíquico, mas um sujeito que se manifesta na linguagem. O sujeito da Teoria da Enunciação é linguístico e pode ser observado e identificado no enunciado. Instaura-se, nesse ponto, a condição da subjetividade que “é a capacidade de o locutor se propor como sujeito” (BENVENISTE, 2005, p. 286).

Como o próprio Benveniste afirma, o homem usa a língua considerando a presença de outro homem, isto é, o outro é peça fundamental no ato enunciativo, visto que a língua agora é vista com dinamismo. Isso explicita outro ponto da teoria elaborada pelo filósofo acima mencionado: a intersubjetividade. A intersubjetividade é exatamente a instauração do outro no discurso e este, ao mesmo tempo, se constituindo como sujeito, porque responde aos enunciados gerados pelo locutor. Nesse sentido, a atividade linguística é também responsiva. Desse modo, a intersubjetividade é condição da subjetividade, pois

Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com

outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 2005, p. 285).

Enunciar, então, é apropriar-se da língua e gerenciá-la a fim de atingir o outro e, de certa forma, também ser atingido, visto que o outro também é entidade ativa no discurso. A enunciação admite o componente subjetivo, compreende a presença de interlocutores e comporta o sentido. Pela enunciação, é possível vislumbrar a inserção do homem na língua e as consequências advindas disso.

3. A pragmática linguística

Pensar na língua enquanto discurso é pensar na língua enquanto possibilidade de subjetividade e também atribuir à mesma um caráter dinâmico, um caráter acional. Nesse viés, é possível compreendermos a língua como lugar de ação, como espaço em que os sentidos são constituídos.

A pragmática linguística trata disso: da língua-ação. Nessa corrente, as reflexões estão em torno das implicações que o uso da língua provoca. Nesse sentido, concordamos com Brandão (2001, p. 163-164), que afirma:

A Pragmática tem por objetivo não o estudo da estrutura gramatical em si, como elemento autossuficiente, ou melhor, como sistema. Ela visa, ao contrário, à utilização da linguagem sua apropriação por um enunciador que se dirige a um alocutário em um contexto determinado. Ela está preocupada com a linguagem enquanto ação, atividade humana e as relações de interlocução aí estabelecidas.

Para a pragmática linguística, as relações intersubjetivas estão no bojo dos acontecimentos linguísticos, pois a língua ao ser colocada em movimento no momento singular de enunciação provoca vários movimentos de sentido, provoca vários efeitos de sentido. A língua enquanto ação, enquanto inter-ação, desencadeia acontecimentos de sentido já que o uso é orientado, o uso visa a um interlocutor que, por sua vez, também atua como locutor em tempo e espaço determinados.

Apreender a língua como forma de ação é reconhecer que seu uso não está atrelado somente ao sistema, é assumir que o homem está presente na língua porque a movimenta de forma a atingir dados objetos, de forma a demonstrar que age através da mesma. Compreender que a língua é ação realizada por locutor e interlocutor é assumir que há relações intra e extralinguísticas que permitem observar o homem na língua e o homem no mundo.

4. A argumentação na língua

Na seção anterior, abordamos a questão da língua enquanto ação. Tal ação é orientada para determinados sentidos e esses, por sua vez, constituem a argumentação. Quando mencionado, o vocábulo argumentação remete-nos à antiguidade clássica, mais

especificamente à retórica, que era compreendida como uma técnica de organização do discurso. Ocorre, no entanto, que a argumentação também pode ser compreendida como uma característica inerente à língua.

Neste âmbito, é fundamental citarmos Ducrot (1987), para quem a argumentação é fator constitutivo da língua. Para o estudioso, a língua contém instruções que orientam os enunciados para determinadas conclusões. Assim, ao utilizarmos a língua, além de o fazermos para o outro, nós elencamos categorias da língua que levem este outro a concluir algo. A argumentação é, então, indicadora de sentidos; a argumentação orienta o sentido de um enunciado.

Considerando a argumentação como base da língua, é necessário, então, que sejam elencadas as marcas linguísticas que propiciam esse fato. São apresentadas por Koch (2009, p. 33) as seguintes marcas linguísticas da argumentação: as pressuposições, os operadores argumentativos, os índices de polifonia e os modalizadores.

As pressuposições estão no campo dos implícitos, das informações não declaradas; mas podem ser percebidas na superfície do texto, ou seja, a construção sintática comporta os pressupostos, há indícios linguísticos que possibilitam a identificação do não dito.

Já os *operadores argumentativos* são os recursos da língua cuja finalidade é indicar a força argumentativa dos enunciados. Esses operadores são os conectivos e conectores.

Os *índices de polifonia* são marcas linguísticas que propiciam o reconhecimento de outras vozes, de outros pontos de vista no interior do enunciado. O locutor pode ou não se identificar com esses pontos de vista, mas sua ocorrência em um enunciado provoca encadeamentos diversos.

Outra marca da argumentação na língua são os *modalizadores*, sobre os quais discorreremos mais atentamente na próxima seção, mas que, em termos gerais, são marcas que indicam o grau de comprometimento do locutor com o enunciado ou com o conteúdo deste.

Considerar, portanto, a argumentação como característica constitutiva da língua é identificar certos itens, certas marcas como determinantes não só na constituição do sentido como também no “embate” entre os interlocutores. É considerar que os interlocutores lançam mão das marcas que melhor veiculem os sentidos pretendidos e gerenciam tais marcas de maneira a constituir e orientar o sentido da interação.

5. A modalização

Como mencionado na seção anterior, a teoria da argumentação na língua agrega não só a enunciação mas também o fato de os itens da língua conterem instruções relacionadas ao sentido. Assim, a língua é, por si mesma, argumentativa.

Expusemos também, na seção acima, as marcas linguísticas da argumentação, isto é, categorias de língua que funcionam como índices de posicionamentos e orientam o sentido. Entre elas estão os modalizadores.

Os modalizadores são a expressão de um fenômeno: a modalização. Tratar de modalização, no entanto, é pisar em um terreno arenoso, pois o tratamento que é dado à categoria se modifica em conformidade com o aporte teórico e com as noções que a permeiam. É preciso destacarmos que os estudos relacionados à modalização iniciaram-se na antiguidade clássica, mas o termo usado era modalidade. Aristóteles abordou a categoria no sentido lógico. Verificava somente se a modalidade veiculava noções que se relacionavam com a realidade.

Os estudos da modalidade logo se estenderam até o campo da linguística. Embora alguns princípios da lógica ainda sejam utilizados na análise da categoria, é possível percebermos que a inserção do componente linguístico concedeu à categoria elementos de cunho subjetivo e de cunho pragmático. Nesse sentido, podemos falar não em modalidade, mas em modalização e compreendê-la como um processo que se dá na e pela enunciação, como um processo que se dá na inter-ação pela linguagem.

Segundo Azeredo (2008, p. 91), a modalização é a expressão das intenções e do ponto de vista do enunciador. Por meio da modalização, o enunciador inscreve no enunciado seus julgamentos e opiniões sobre o conteúdo do que diz ou escreve, indicando ao interlocutor que efeitos de sentido pretende produzir.

Outra perspectiva de modalização é a de Koch (2009, p. 73), para quem a modalização é parte da atividade ilocucionária, já que revela a atitude do falante perante o enunciado que produz.

Nessas duas perspectivas, podemos entrever que a modalização está ligada ao ato enunciativo e às questões intersubjetivas. A modalização, como marca linguística da argumentação, atua como componente ratificador de dada intencionalidade presente no enunciado.

Cabe, finalmente, mencionarmos os tipos de modalização. Como, inicialmente, seus estudos estavam ligados à lógica, sua tipologia conservou a nomenclatura ali estabelecida. Assim, conforme Koch (2009, p. 73), temos as modalizações:

- alética – relacionada ao eixo da existência, ou seja, determina o valor de verdade das proposições;
- epistêmica – relacionada ao eixo das crenças, dos saberes. Indica o conhecimento que temos acerca de um estado de coisas;
- deôntica – relacionada ao eixo dos valores. Indica o que é considerável em relação à conduta.

A modalização epistêmica, que está inserida neste trabalho, veicula noções como certeza, incerteza, suposição, hipótese e, em certos contextos, orienta o enunciado para determinados sentidos e, ainda, confirma ou não dada enunciação. Essa tipologia de modalização em um enunciado indica noções, mas também indica com o que o

locutor se compromete, que adesões faz, que sentidos pretende provocar no interlocutor. A modalização epistêmica, por estar ligada ao eixo do saber e das crenças, permite que a enunciação seja perpassada por vários efeitos de sentido que dão ao enunciado distintos *status*, distintos tons.

6. O gênero textual horóscopo

A interação linguística ocorre através dos textos. Tais textos, por sua vez, possuem uma configuração específica para atender aos objetivos comunicativos que são os gêneros textuais.

Definir um gênero textual não é uma tarefa fácil já que a língua pode ser considerada como uma atividade, que incita uma ação responsiva entre os interlocutores. Há muitas perspectivas teóricas em torno dos gêneros, há diferentes formas de concebê-los. Uma delas é a sociorretória.

Nesta corrente, a preocupação está centrada na organização social que pode ser percebida em um gênero. Este, por sua vez, é compreendido como forma de ação social, isto é, como uma forma linguística tipificada que mostra o funcionamento de certas esferas.

Segundo Bazerman (2006, p. 31), um gênero textual é um fenômeno de reconhecimento psicossocial. Ou seja, ao nos depararmos com um gênero reconhecemos não só suas características estruturais, mas também uma série de características de cunho social e cultural. Reconhecemos no gênero os diferentes modos de estar no mundo. Daí o mesmo autor dizer que

gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar (BAZERMAN, 2006, p. 23).

Os gêneros mostram a organização da vida social, mostram como a vida em sociedade se organiza culturalmente, mostram como agimos por meio da linguagem. Observar os gêneros textuais sob a perspectiva da sociorretória é observar ações recorrentes de linguagem que não se dissociam de sua condição social.

Em se tratando do gênero textual horóscopo, é lícito caracterizá-lo como um texto cuja função sociocomunicativa é mostrar prognósticos acerca da vida dos nascidos sob determinado signo. Tal prognóstico se dá através da combinação da data do nascimento do indivíduo com a posição dos astros.

Não obstante não haja uma literatura que trate do gênero textual horóscopo, é lícito admitir que caracterizá-lo sob o prisma da sociorretórica é admitir todas as

questões históricas e culturais que o perpassam. Encontramos em Volli (1990, p. 8) a seguinte afirmação:

O discurso astrológico tem antes a forma de um corpo fechado, tradicional, que se presta a interpretações e não a descobertas. A sua estrutura é hermenêutica e retórica: pretende produzir discurso sensato, não conhecimentos verdadeiros, serve para convencer e sossegar, não para a acumulação do saber.

Ou seja, independentemente de crenças, o gênero está ligado aos anseios do ser humano, às necessidades que o mesmo tem de alento, de consolo. Pensar no gênero textual horóscopo e na sua circulação é pensar nas questões atemporais do ser humano. Pensar no gênero textual horóscopo sob o prisma da sociorretórica é considerar que as crenças e possibilidades de crenças dos indivíduos precisam circular, é pensar que tais crenças precisam ser veiculadas pela linguagem de forma reconhecível, de forma tipificada, de forma que expresse uma série de comportamentos e práticas.

7. Análise

Nesta seção, demonstraremos o funcionamento da categoria modalização epistêmica no gênero textual horóscopo, bem como os efeitos de sentido que a marca linguística provoca em conformidade com o contexto e com a natureza do próprio gênero em questão. Para análise, consideramos a ocorrência do fenômeno linguístico nos textos, bem como a relação deste com a situação enunciativa. Escolhemos quatro textos representativos do gênero. Todos retirados do Jornal O Globo, da edição do dia 21 de novembro de 2014¹.

O primeiro texto traz previsões para os nascidos sob o signo de Áries:

É possível que a sua bravura esteja realçada neste momento e você se sinta mais forte do que nunca para ultrapassar as barreiras. É tempo de tomar as iniciativas que são capazes de abrir novos caminhos.

O texto aborda uma questão relacionada ao estado de ânimo do indivíduo. Encontramos a presença da modalização epistêmica expressa pelo predicado cristalizado *é possível*. O modalizador coloca o conteúdo do enunciado, a bravura do ser, no campo das possibilidades. O último período do texto apresenta um tom de conselho que, atrelado ao efeito que a modalização confere ao período inicial, permite inferir o seguinte enunciado: se você se sente assim, seja mais audacioso, tome decisões.

O segundo texto traz prognósticos para os nascidos sob o signo de Libra.

¹ Conforme anexo

Se os conflitos internos dão sinais de desconforto, *talvez* seja o momento de tratá-los mais seriamente. É tempo de confiar que ao cuidar de si é mais fácil reduzir os danos das encrencas emocionais.

Mais uma vez, observa-se um exemplar do gênero que trata de uma questão cuja natureza é intrapsíquica. Através do advérbio de dúvida *talvez* a modalização epistêmica é inserida no enunciado, conferindo ao mesmo a ideia de incerteza. Tal incerteza está ligada ao fato de o indivíduo estar ou não passando por momentos conflituosos. Observa-se também, no último período, o tom de alerta. A presença do verbo *confiar* exerce um importante papel no período, pois ao alertar uma pessoa que vive conflitos internos, o locutor precisa produzir um enunciado que atinja a problemática do interlocutor. Nesse caso, o verbo funciona como o *carro-chefe* para tal alerta. A relação intersubjetiva está fortemente determinada pelo locutor que alerta através de um possível diagnóstico (os conflitos internos) e pelo interlocutor que precisa resolver isso retomando a confiança no cuidado de si.

No terceiro exemplar do gênero, encontramos previsões para os nascidos sob o signo de Escorpião.

Você *pode* sentir certa frustração, ainda que não exista algo contribuindo objetivamente para isso. É tempo de focar nas questões internas para que possa se abrir para o mundo com tranquilidade.

Ao enunciar um estado de ânimo do interlocutor, o locutor lança mão da modalização epistêmica representada, no texto, pelo auxiliar modal *pode*. O elemento linguístico coloca o conteúdo do enunciado no campo das possibilidades e, de antemão, atrelado a uma concessão, alerta, que pode não haver motivo aparente. Como nos textos anteriores, o tom de conselho aparece no último período. É um enunciado polifônico, ou seja, dele podemos inferir outra voz, uma voz que vem de outro campo: o da autoajuda. Do enunciado advém a seguinte perspectiva: olhe para si, cuide-se, veja o que o incomoda.

O último texto, referente ao signo de Virgem, expõe os seguintes prognósticos:

Aquilo que era feito sem hesitação agora *pode* causar algum desconforto. É tempo de compreender que nem tudo pode ser perfeitamente planejado e que o imprevisto *deve* ter lugar na sua organização.

A questão abordada no texto está atrelada à vida prática do indivíduo, às suas ações rotineiras. A modalização epistêmica é expressa pelo auxiliar modal *pode* (em destaque) que coloca o conteúdo do enunciado no campo das possibilidades. O tom de conselho está presente no último período do texto e se torna incisivo com a

presença da modalização deôntica representada pelo auxiliar modal *deve* (em destaque). O locutor “aconselha” o interlocutor e ressalta a necessidade de uma mudança de postura, de uma mudança de perspectiva em relação à rotina.

8. Resultados

Analisar um fenômeno linguístico sob a ótica das teorias do sentido requer que se lance um olhar para as ocorrências dos mesmos nos enunciados em que estão inseridos, requer que sejam verificadas as singularidades do evento enunciativo.

Observamos a ocorrência da modalização epistêmica no gênero textual horóscopo presente em outros jornais, entretanto, no Jornal O Globo, a marca linguística apresentou-se como um atenuador do conteúdo do enunciado e do conteúdo de todo o texto. Observamos que fenômeno linguístico, no gênero deste jornal, cumpre a função de orientar os enunciados para determinados sentidos e respaldar os enunciados seguintes que davam ao texto os tons de conselho, alerta, entre outros.

Constatamos também que a modalização é um processo, ou seja, é uma categoria discursiva que atua no enunciado e confirma a enunciação. Com isso, pode-se afirmar que a categoria discursiva colabora para o funcionamento do gênero, pois a modalização epistêmica expressa noções inerentes ao conhecimento, à crença do locutor em relação a certo conteúdo, e o gênero textual analisado só o é porque está baseado no que determinado indivíduo conhece ou acredita conhecer acerca dos astros. Tal conhecimento, por mais que seja revisado, reestudado, não está sob o total domínio do ser humano, por isso o uso da modalização epistêmica no campo das hipóteses, das possibilidades e das probabilidades, já que o grau de comprometimento do locutor deste gênero não pode abarcar a certeza.

Encontramos, ainda, índices de polifonia, isto é, outras perspectivas, outros pontos de vista que perpassaram o texto. Como as diretrizes eram dadas no campo das hipóteses, das possibilidades, ao lançar mão dos conselhos e alertas, o locutor produz enunciados cuja responsabilidade de dedução dos mesmos é do interlocutor. Desse modo, a natureza da relação intersubjetiva se mostrou como sendo de solidariedade.

9. Considerações finais

Pensar no gênero textual horóscopo e analisar as marcas linguísticas que aparecem nele é investigar, de certa forma, o funcionamento e a manutenção do próprio gênero. É refletir sobre a existência de um gênero que nem sempre abarca certezas, mas sobrevive e circula socialmente.

Observar o gênero textual horóscopo sob a ótica das teorias do sentido é observar a forma como os enunciados são construídos em cada mídia, em cada elemento veiculador. Antes de escolhermos os textos do Jornal O Globo para este trabalho,

observamos o mesmo em outros jornais e em revistas. Por isso, supomos que o público-alvo é um fator determinante para o uso de modalização epistêmica neste gênero no jornal citado. Por se tratar de um público cuja escolaridade supostamente é mais elevada e que, conseqüentemente, é um público mais crítico, a enunciação precisa ter um tom mais ameno, tudo deve ficar no campo do aconselhamento. Já em jornais mais populares, até mesmo no que é pertencente ao mesmo grupo editorial, encontramos o gênero com o tom incisivo e com alta concentração de modalização deontica, relacionada aos deveres e às obrigações.

Lançar um olhar analítico sobre o gênero textual horóscopo é lançar um olhar sobre nós mesmos, sobre nossa conduta, sobre questões tão antigas quanto a própria humanidade. O gênero textual horóscopo personifica um comportamento muito antigo do ser humano e inerente a muitas culturas: a busca por predições, a busca por orientações para a vida com base em certas crenças.

Finalmente, e como não poderia deixar de ser, demonstrar como a linguagem opera através dos gêneros textuais é de suma importância para atuação linguística dos indivíduos. Escavar as marcas linguísticas que aparecem nos gêneros e como operam para o funcionamento desses é primordial, já que os gêneros, nas palavras de Marcuschi (2007), são artefatos culturais, ou seja, são construídos pelo homem para que possa agir socialmente em dada cultura. Então, o trabalho com gênero textual horóscopo propiciaria que o indivíduo adotasse uma postura mais ativa diante da leitura, não para tornar ilegítimo o conteúdo do gênero ou o próprio gênero, mas para levantar hipóteses, conjecturar e selecionar o que é válido.

Em suma, como assevera Benveniste (2006, p. 222), “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver”. Analisar o gênero textual horóscopo, levar um indivíduo a refletir sobre ele, é oferecer subsídios para que a linguagem seja percebida como forma de vida, como forma de inserção e de atuação no mundo. Se um gênero circula socialmente, deve ser observado a fim de que seja demonstrado o próprio funcionamento de setores da sociedade.

Referências

- AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BARBISAN, L. B. O conceito de enunciação em Benveniste e Ducrot. In: GIACOMELLI, K.; PIRES, V. L. (Orgs.). *Émile Benveniste: interfaces enunciação & discurso*. Letras, PPGL Editores, UFSM, n. 33, jul./dez. 2006.
- BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Angela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (orgs.) 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Trad. Maria Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BRANDÃO, Helena Nagamine Pragmática linguística: delimitações e objetivos. In: *Retóricas de ontem e de hoje*. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2001, p. 161-182.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. *A força das palavras: dizer e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2010.

DUCROT, Oswald. Esboço de um teoria polifônica da enunciação. In: *O dizer e o dito*. São Paulo: Pontes, 1987, p. 161-218.

_____. Estruturalismo e enunciação. In: *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1976.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

VOLLI, Ugo. *A linguagem da astrologia*. Trad. Maria Helena Fernandes. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

